

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS CONTOS POPULARES DA PARAÍBA

Angelita Silva de ALMEIDA¹

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental I Pe. Leonel da Franca
silvaangelita@hotmail.com

RESUMO: Este texto apresenta o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo organizar um glossário a partir de termos e expressões contidos nos contos populares da Paraíba. Nosso intuito aqui é, além de apresentar a pesquisa, direcioná-la para uma aplicabilidade ao Ensino Fundamental. Para o estudo, nos pautamos na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1964), e nas ciências do léxico, Lexicologia e Lexicografia, com Biderman (1978), Welker (2004), Barbosa (1990) e Isquerdo (2004). De um universo de 104 contos populares já registrados em *Histórias de Luzia Tereza*, organizado por Altimar Pimentel, e da *Coleção Trancoso*, foram selecionados 15 para o levantamento dos 204 termos e expressões que compuseram o glossário.

PALAVRAS-CHAVES: Sociolinguística. Variação Linguística. Conto Popular. Ciências do Léxico. Glossário.

THE LINGUISTIC VARIATIONS IN POPULAR TALES FROM PARAÍBA

ABSTRACT: This text presents the result of a research that had as objective to organize a glossary from terms and expressions contained in the popular tales from Paraíba. Our intention here is, besides presenting the research, directing it to an applicability to Elementary School. For the study, we refer to the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1964), and in the lexical sciences, Lexicology and Lexicography, with Biderman 1978), Welker (2004), Barbosa (1990) and Isquerdo (2004). From a universe of popular accounts already recorded in the *Stories of Luzia Tereza*, organized by Altimar Pimentel, and the *Trancoso Collection*, 15 were selected for the survey of the 204 terms and expressions that composed the glossary.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Linguistic variacionist. Popular Tale. Lexical Sciences. Glossary.

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística, subárea da Linguística, estabeleceu-se como ciência autônoma e interdisciplinar, no início no século XX, mas antes dos anos de 1960, linguistas já desenvolviam teorias de natureza sociolinguística em seus trabalhos e já levavam em consideração o contexto sociocultural e a comunidade de fala.

¹Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da rede pública do município de João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Pautados na Sociolinguística, ciência que considera como objeto de estudo a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente, o estudo dos contos populares se mostra uma excelente oportunidade de exploração da variação lexical.

O conto popular é uma narrativa de tradição oral e não possui um autor específico. Criado em local e época ignorados, transmitido de geração a geração, sofrendo, portanto, modificações ao longo do tempo por causa da habilidade inventiva que os(as) contadores(as) possuem, o conto se mantém sempre na prática do contar. Os personagens desses contos possuem perfis identitários característicos da região na qual a história se origina, sendo, portanto, fonte de conhecimento das manifestações culturais populares. Nascido do imaginário do homem simples e não tendo uma vinculação com regras gramaticais, o conto popular possui particularidades em sua forma de composição que prende a atenção das pessoas, de diferentes idades e nível de escolaridade.

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo organizar um glossário a partir de termos e expressões contidos nos contos populares da Paraíba. Nosso intuito aqui é, além de apresentar a pesquisa, direcioná-la para uma aplicabilidade ao Ensino Fundamental.

Para o estudo, das variações linguísticas presentes nos termos e expressões com os quais organizamos o glossário, nos pautamos na Sociolinguística Variacionista de Labov (1962), cujo trabalho publicado sobre a comunidade de Martha's Vineyard, em Massachusetts, sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística.

Já para a organização do nosso glossário, nos pautamos na Lexicologia e na Lexicografia. A Lexicologia é a ciência linguística que estuda o léxico de uma língua e que segundo Biderman (1987), o léxico de uma língua natural constitui uma forma de

registrar o conhecimento do universo. Vilela (1977, p.163) por seu turno, diz que o léxico de uma língua é entendido como um conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) próprias duma língua.

A Lexicografia é entendida por Barbosa (1990, p.153) como sendo uma tecnologia que trata da palavra no que concerne à atividade de compilação, classificação e análise das unidades do léxico e sua organização em dicionários, vocabulários técnicos científicos e vocabulários especializados. Conforme Welker (2004, p.11), o termo Lexicografia tem dois sentidos: numa acepção, designa a “ciência”, a “técnica” ou mesmo a arte de elaborar dicionários (Lexicografia prática) e Lexicografia teórica, termo empregado em línguas como o francês o inglês o alemão (Metalexigrafia), que abrange o estudo ligado à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa da história da Lexicografia, à pesquisa do uso de dicionários.

O intento de apresentar uma proposta de glossário aplicável ao Ensino Fundamental se justifica pela necessidade de um trabalho mais direcionado ao estudo do léxico brasileiro que permeie o dia a dia dos alunos, valorizando com isso, os diferentes falares e, conseqüentemente, a cultural local.

O presente estudo foi estruturado nas seguintes partes: a primeira *Da Sociolinguística* comporta um estudo da variação linguística que serviu de suporte teórico para as análises; a segunda, *Das ciências do Léxico*, a Lexicologia e a Lexicografia, que nos forneceu suporte para a organização do nosso glossário; a terceira, *O conto popular: uma memória sócio-histórica ?*, enfatiza a importância da memória coletiva para a reconstrução e preservação da atividade mnemônica como ordenação e releitura de vestígios; a quarta parte, *Procedimentos metodológicos da pesquisa*, expõe as etapas de organização do glossário; a quinta destina-se à

apresentação de uma amostra do glossário construído como *Uma proposta aplicável ao Ensino Fundamental*; depois elencamos os *Resultados* da pesquisa empreendida.

DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística surge na década de 1960, a partir dos estudos de William Labov. O autor pesquisa o inglês de Martha's Vineyard, em 1962, e da cidade de Nova York, em 1966. O primeiro estudo consistia em pesquisar sobre o papel decisivo dos fatores sociais na busca pela explicação da variedade linguística; o segundo era sobre a estratificação social do inglês em Nova York. Labov. Dessa forma, ao impulsionar o estudo da variação e da mudança, na perspectiva Sociolinguística, Labov tornou-se o nome mais conhecido da área.

A Sociolinguística moderna teve como precursora a Dialetoлогия, disciplina que, segundo Morales (1993), cabe a tarefa de estudar os *letos* diatópica e diastraticamente. Para a Sociolinguística, é atribuído o trabalho de estudar esses fenômenos no contexto social, preocupando-se com as possibilidades de realização.

A Sociolinguística é uma disciplina que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Essa ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. Segundo Mollica (2003, p.10), são muitas as possibilidades de investigação na Sociolinguística. E destaca: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança. Mollica (2003, p.10) afirma que:

[...] em cada sistema o fenômeno da diversidade linguística é diferente do que entendemos por multilinguismo e aborda o caso do Brasil que, além do português, fala-se 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, afora as populações bilíngues que dominam igualmente o português e línguas do grupo românico, anglo-

germânico e eslavo oriental, como em comunidades multilíngues português/italiano, português/espanhol, português/alemão.

Enquanto a Linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico, a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais, bem como das comunidades maiores. Ao estudar qualquer comunidade linguística, constata-se a existência de diversidade ou da variação. Toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar que a Sociolinguística denomina variedades linguísticas, constituindo o repertório verbal.

Bagno (2007, p. 46-47) classifica a variação sociolinguística da seguinte maneira:

Varição diatópica - é a que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades, etc.; variação diastrática - é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais; variação diamésica - é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita; variação diafásica - é a variação estilística, e refere-se ao uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal e a variação diacrônica - é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.

Ainda referindo-se à variação estilística, o autor (2007, p. 43-44) cita fatores extralinguísticos que podem auxiliar na identificação de seus fenômenos:

Origem Geográfica: a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; Outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

Status Socioeconômico: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

Grau de Escolarização: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

Idade: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

Sexo: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;
Mercado de Trabalho: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este, os mesmos de um cortador de cana;
Redes Sociais: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico.

As diferenças que ocorrem nos aspectos morfossintático, léxico e fonológico, são classificadas por estudiosos em língua popular e da língua culta ou padrão, sendo que esta segunda detém maior prestígio social e é usada pelo grupo social dominante. No entanto, trata-se, na verdade, de níveis do discurso que varia entre formal e informal, independente de prestígio, mas adequando-se a situações sociais.

Referindo-se à língua popular, Pretti (1982) diz que, do ponto de vista morfossintático, a língua popular caracteriza-se pela economia de gênero e de número, com redução na utilização das pessoas gramaticais e dos tempos verbais. Caracteriza-se ainda pela simplificação gramatical das frases, através da redução das estruturas subordinadas em benefício das frases simples, justapostas ou coordenadas. No aspecto lexical, o autor observa que, na língua padrão, há um vocabulário mais variado, com maior precisão no emprego dos significados e com maior incidência de termos técnicos; enquanto na popular há predominância de um vocabulário mais restrito, empregado amplamente nos diversos sentidos, com maior frequência de gírias e de recursos enfáticos, também pela simplificação gramatical das frases através da redução das estruturas subordinadas em benefício das frases simples, justapostas e da coordenação (uso excessivo de “ai” e “então”, como exemplos), maior emprego da voz ativa em lugar da passiva e predomínio das regências diretas nos verbos e do emprego de pronomes pessoais retos como objetos (“vi ele”, “encontrei ela”). Com referência às diferenças fonológicas observadas na língua popular, verifica-se que, embora não

comprometam a comunicação, servem para marcar as formas linguísticas de maior ou menor prestígio social.

A escrita é apontada por Lemle (1985) como fator principal responsável pela existência de uma forma padrão para representar todas as variedades de uma determinada língua. Assim, a escrita atua como fator de unificação linguística, uma vez que as modificações gramaticais e ortográficas são mais lentas que as transformações apresentadas pelos atos de fala. Por ser a língua padrão a utilizada pelo grupo social dominante, esta é a escolhida para a escrita dentre as variedades linguísticas. Portanto, podemos afirmar que a escrita tem como uma de suas funções, manter a unidade linguística das sociedades letradas, opondo-se à diversidade que é observada em termos de fala. Desse modo, o prestígio que o grupo social detém acaba sendo atribuído à sua linguagem, que associada à escrita, passa a ser considerada a norma padrão. Segundo Gnerre (1998), a estigmatização da linguagem popular como “incorreta” é consequência do *status* inferior ocupado pelos falantes na sociedade. Assim a valoração linguística baseia-se numa valoração social.

A linguística moderna tem demonstrado que é cientificamente incorreto realizar uma classificação hierárquica das diversas variedades de uma língua, baseando-se em critérios de “inferioridade” e “superioridade” linguística. Com base nos conhecimentos da sociolinguística pode-se afirmar que as diferentes formas de linguagem decorrem de um processo natural de variação linguística, o qual visa atender às diversas situações comunicativas existentes no meio social.

Ao lado da variação linguística, este trabalho se utiliza também das ciências do léxico com o fim de organizar o glossário. Sobre tais ciências, destinamos a discussão seguinte.

DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO

A Linguística, cujo objeto de estudo é bastante complexo, subdivide-se e cada uma de suas ramificações encarrega-se da análise, da descrição e da explicitação de relacionamento com outras instituições sociais e humanas, e, principalmente dos diferentes aspectos da língua. Como parte dessas ramificações, encontra-se a Lexicologia, ciência que estuda o léxico e que, segundo Barbosa (1992, p. 4), cabe-lhe numerosas tarefas que, dentre outras, citamos: definir conjuntos e subconjuntos lexicais – o universo léxico, conjunto vocabulário léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo; conceituar e delimitar a unidade lexical de base - a lexia - bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

Ao lado da Lexicologia, destacamos, segundo Welker (2004, p.11), a Lexicografia que, para o autor, tem dois sentidos: numa acepção, designa a “ciência”, a “técnica” ou mesmo a “arte” de elaborar dicionários (Lexicografia prática) e Lexicografia teórica, termo empregado em línguas como o inglês, o francês, o alemão (Metalexigrafia), que abrange o estudo ligado à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa da história da Lexicografia, à pesquisa do uso de dicionários. As várias introduções existentes na Lexicologia são, segundo o referido autor (2004, p.11-12), devidas aos seguintes fatos: elas foram redigidas em diversas línguas; a Lexicografia evoluiu; cada um dos autores tem o seu próprio ponto de vista, quer ressaltar fenômenos específicos ou apresentá-los de determinada maneira.

No contexto dessa discussão, é pertinente, salientar que, de acordo com Aragão (1987, p. 34), há que se diferenciar glossários de dicionários, embora compartilhem da mesma técnica. Os glossários se referem a uma parte do saber linguístico, referem-se a um vocabulário específico à determinada atividade, enquanto os dicionários são mais gerais, prendendo-se ao léxico da língua, saber ativo e passivo dos usuários.

Dessa forma, em nossa pesquisa, o glossário é a produção lexicográfica mais adequada, considerando sua propriedade de reunir termos específicos a certa prática, ou atividade, como é o caso dos termos utilizados nos contos selecionados para elaboração do glossário. A língua, apesar de ser geralmente considerada unidade, totalidade, em sua concretude é, todavia, um compósito de incomensuráveis variações que se prestam à análise nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Essas variações relacionam-se diretamente com a maneira pela qual os indivíduos de um dado grupo social estruturam o pensamento e articulam a linguagem conforme o sistema de vida e cultura em que vivem. As variações linguísticas geradas sob a influência de fatores de natureza geográfica, sociocultural, histórica, além de outros, apesar de proporcionarem expressiva mutabilidade à língua, não comprometem o funcionamento desta enquanto meio de comunicação e interação social.

O CONTO POPULAR: UMA MEMÓRIA SÓCIO-HISTÓRICA?

A reminiscência é a base da tradição que transmite os eventos mais importantes de geração a geração. Le Goff (1984, p.476) refere-se à atividade mnemônica como ordenação e releitura de vestígios. A releitura é, pois, tomada como uma nova leitura que se apoia num retorno às experiências vividas pelo sujeito. A linguagem possibilita a materialização dos vestígios da memória e o ato mnemônico se faz pela narrativa.

Le Goff (1984, p.476) atesta a importância da memória coletiva para a reconstrução e preservação. Essa memória segura a sobrevivência do grupo, em favor de redefinições do presente, apoiado em acontecimentos do passado. “[...] memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades hoje, na febre e na angústia.” Prosseguindo, este estudioso afirma que sua percepção histórica do mundo começou a ser desenhada pela memória, pelas histórias contadas por seus pais:

Foi através da memória de meus pais – e mais ainda pelo contato com uma memória dos tempos de sua infância e da sua juventude que sobrevivia nos seus caracteres, nas suas idéias, nos seus comportamentos cotidianos - que se edificou em mim o sentido da duração, da continuidade histórica e, ao mesmo tempo, das rupturas. (LE GOFF, 1984, p.172)

Conectada a essas ideias, destacamos o conto como uma das mais antigas formas de expressão de rememoração. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselho, estabelecendo normas e valores, atentando aos desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados. Nesse sentido, Gotlib (1991, p. 7) argumenta:

[...] enquanto a força de contar histórias perdura, necessária e vigorosa através dos séculos, uma história se constrói paralelamente: aquela que tenta explicar a história dessas histórias, um modo de recontar caracterizado pela simples natureza dessa narração: a de contar histórias.

Por mais simples que seja qualquer ação humana, está sempre impregnada de traços de memória. Por meio das lembranças, vai-se (re)construindo, (re)vivendo a nossa história, alojada no que Santo Agostinho (1996, p. 267-268) chama de “o grande receptáculo da memória”, e ainda afirma:

Tudo isto realizo no imenso palácio da memória. Aí estão presentes o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos

que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem.

Em decorrência da organização social baseada nas técnicas de uma industrialização sofisticada, a arte do contador sofreu influências marcantes, tendo como temas principais a solidão e o individualismo. O que o contador tradicional conquistou ao longo de sua vida não faz parte de um ritual como era antes, em especial as trocas realizadas com seus ouvintes. Primeiro porque com a escrita que possibilitou o seu registro escrito, implicou alguma reelaboração necessária. Em segundo lugar, porque ao narrar oralmente, outros códigos acompanhavam o código linguístico, as variáveis ocorriam de contador para contador e eram irreproduzíveis na escrita. (a entonação, a ênfase, os movimentos corporais, a mímica). Hoje por toda a parte, a necessidade de divertimento e o desejo de encontros, são diversificados e dispersos.

Contar é uma atividade mnemônica. Em sua arte, o contador de histórias realiza de uma forma particular a tarefa de convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu tempo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade. Esta convivência dispersa a solidão e anula as distâncias territoriais, ao mesmo tempo em que tece relações solidárias, favorece a troca do conhecimento. “Contar e recontar tudo” significa partilhar a lembrança das experiências do cotidiano e a sabedoria adquirida ao longo da vida.

Por registrarem a sabedoria tradicional e estarem intimamente relacionados com as origens socioculturais, os contos populares expressam modos de identificação do homem com o seu meio, veiculando seus saberes e valores culturais, além das peculiaridades existentes em diferentes comunidades – como o uso da linguagem e a significação atribuída às coisas do mundo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a organização do glossário, buscamos fundamentos teóricos e metodológicos em: Biderman (1978), Welker (2004, p. 11), Barbosa (1990, p. 153) e Vilela (1990, p.163)

O glossário que organizamos apresenta a seguinte sequência: termo entrada, classe gramatical, definição, contexto, fonte, indicação de dicionarização e suas acepções dicionarizadas. A organização interna do glossário consta da macroestrutura, a organização interna que está relacionada às características gerais do repertório e a microestrutura, o conjunto organizado e estruturado dos contidos no verbete. O verbete é a menor unidade autônoma de um dicionário. Na organização do glossário em geral, os elementos que compõem os verbetes são: termo entrada; referências gramaticais, marcadas por abreviaturas em letra itálica e definição ou conceito.

No que concerne à dicionarização, em nossa pesquisa, tivemos como obras de referência, além dos dicionários de Língua Portuguesa Aurélio Eletrônico e Michaelis Eletrônico, os dicionários de termos populares de Tomé Cabral, Horácio de Almeida e José Batista da Luz.

As informações de dicionarização foram marcadas através da seguinte legenda:

TDAE: para termo dicionarizado com acepção equivalente ao do contexto.

TDAD: para termo dicionarizado com acepção diferente ao do contexto.

EDAE: para as expressões dicionarizadas com acepção equivalente

EDAD: para as expressões dicionarizadas com acepção diferente.

7. Var. para variante ou Vars. para variantes.

Como obras de referência, utilizamos para a organização da amostra do glossário, além dos dicionários de Língua Portuguesa Aurélio Eletrônico e Dicionário Michaelis Eletrônico, os dicionários de termos populares de Tomé Cabral, Horácio de

Almeida e José Batista da Luz. Esta opção se deu para que pudéssemos obter uma maior representatividade no que tange à necessidade de nossa pesquisa

UMA AMOSTRA APLICÁVEL AO ENSINO FUNDAMENTAL

Assim como construímos o glossário que aqui colocamos uma amostragem, o professor de Educação Básica pode mediar a construção de outros que organizem o léxico da comunidade onde moram. E isso pode se tornar divertido e atraente, uma vez está-se explorando o universo de cada sujeito ali presente.

Extraímos dos contos palavras e expressões a exemplo de:

BICHINHA – *S.f.* Forma diminutiva e/ou afetiva de chamar alguém.

“– Ah! É você, **bichinha**, quem está aí! Desça para eu pentear seus cabelos”. (MT)

TDAE: (TC)

TDAD: Em (AB) o termo está registrado com as seguintes acepções:

- 1) Bolo de farinha, açúcar e ovos;
- 2) Mulher nova, mocinha(Bras.);

Em (M), o termo está registrado com as seguintes acepções:

- 1) O mesmo que valverde (a - Planta quinopodiácea, ornamental, com pequenas flores rubras b - Certa peça de fogo de artifício cujas faíscas imitam mais ou menos uma figura piramidal ou cone invertido).
- 2) Namorada ou amante(pop.).

Em (TC), o termo bichinha ainda está registrado com o significado de “cachaça”.

TND: (HA, JBL)

CAPOTE– *S.m.* Capa comprida e larga, com capuz e cabeção.

“Francisco enrolou ela com o **capote** dele”. (MT)

TDAE: (AB, M, JBL)

TDAD: Em (HA), o termo está registrado com as seguintes acepções:

- 1) Galinha de angola;
- 2) Cobertura da cumeeira dos telhados.

Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:

- 1) Ganhar ou (perder) no jogo com diferença igual à metade dos pontos ou maior ainda;
- 2) Vencer com larga vantagem os competidores em tarefas da lavoura (limpas de roça, plantios, etc.);
- 3) Raspar a metade da casca da mandioca e passar esta a outra mulher para que ultime o serviço”.

CHEGA – Adv. Até, mesmo .(Bras. pop) .

*“Chegaram na casa da noiva, desaparearam todas aquelas caveiras, entraram. A moça saiu lá de dentro trajada de noiva – aquela noiva bonita **chega** causava espanto!”* (RC)

TDAE: (AB)

TDAD: Em (M), o termo está registrado com o significado de “censura, crítica”. Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:

- 1) Aproximar-se, ir a certo lugar;
- 2) Fazer medo, ameaçar;
- 3) Aperrear com cobrança, insistindo e ameaçando.

TND: (HA, JBL)

DANAÇÃO – S.f. Grande quantidade, muitos.

*“E o homem criando aquela **danação** de menino”.* (MT)

TDAD: Em (AB, M, TC, HA e JBL), o termo está registrado dentre outras acepções, com os seguintes significados:

- 1) Ato ou efeito de danar;
- 2) Fúria;
- 3) Confusão.

Em (TC), o termo está registrado, também como adjetivo, com as seguintes acepções:

- 1) Zangado, aborrecido;
- 2) Hábil, inteligente, ativo destemido, corajoso, etc.;
- 3) Com pressa, ansioso;
- 4) Irrequieto, traquinas (o menino);
- 5) Em demasia, excessivamente, extraordinariamente;
- 6) Qualificativo sem sentido especial, usado apenas para complementação da frase.

Em (AB), o termo está registrado com o significado de “confusão, balbúria, trapalhada” (Bras. Reg. Ne.), “diabrura, traquinagem”(Bras. Reg. Sul). Em (M), o termo está registrado com o significado de “condenação às penas eternas”.

RESULTADOS

Da análise léxica empreendida nos corpora, observamos que nos contos de Luzia Tereza e da Coleção Trancoso existem palavras e/ou expressões que representam variações do falar regional paraibano. Dentre essas variações, verificamos que as mais comuns encontradas nas referidas obras são de caráter léxico-semântico. Como foi evidenciado, as palavras e/ou expressões compiladas veiculam valores do repertório cultural do povo que o recriou, apresentando para nós as suas peculiaridades linguísticas, confirmando, desta forma, a nossa última hipótese.

No glossário, observamos a predominância de verbos sobre as demais classes gramaticais num total de 50 termos, que pode ser justificada pelo fato de que o conto em si é um relato de um acontecimento e, portanto, apresenta campos semânticos representativos da ação. Em seguida vêm os substantivos num total de 44, os adjetivos 36, seguindo-se em ordem decrescente de expressões as quais definimos cada classe gramatical que as compunha; as locuções adverbiais, os termos onomatopáicos, conjunção, interjeição, expressão interjetiva e locução pronominal. Registramos no *corpus* analisado, um total de 20 variantes a respeito das quais pudemos observar que a sua utilização não impediu a compreensão da mensagem veiculada nos contos.

No caso dos termos e/ ou expressões não dicionarizados, de acordo com o contexto apresentado, demos a definição que melhor se adequasse ao significado do verbete contextualizado. Dos termos registrados, constatamos através da tabela construída, que houve uma predominância de termos e/ou expressões não dicionarizados, (TND/END) podendo assim reafirmar que a língua é dinâmica e evolui e, por isso, não se tem o domínio do repertório geral da língua.

Em relação aos termos e/ou expressões dicionarizados com acepção diferente, podemos afirmar que a língua não é homogênea e que a linguagem ocorre mediante a interação de indivíduos que a utilizam em seu repertório de acordo com sua posição social, geográfica, idade, sexo e situações de prática social em que os interlocutores interagem. Essa teoria corrobora a heterogeneidade linguística abordada pela sociolinguística.

No caso dos termos não dicionarizados, podemos afirmar que, através da linguagem, os seus usuários apresentam uma infinita variedade de expressões, dada a fertilidade do imaginário humano refletido na e pela linguagem. Assim, não há como controlar o número do léxico utilizado numa interação de fala. Cada indivíduo possui o

seu repertório vocabular e, no ato da comunicação, interage com o seu interlocutor, ampliando ou rememorando o seu repertório. Pelo fato de a língua possuir um número infinito de vocábulos torna-se impossível controlar e registrar todos os vocábulos de uma língua.

Observamos, por meio da pesquisa, que é frequente o uso de aumentativos com o sentido de intensidade, e diminutivos com o sentido de afetividade ou menosprezo. Verificamos ainda, a presença de termos onomatopaicos e interjeições comuns à linguagem popular paraibana.

A elaboração do nosso glossário contendo 204 verbetes não implica que a linguagem dos contos analisados esteja resumida a este total de termos, mas sim coletamos apenas uma amostragem para a realização do nosso trabalho. Acreditamos, portanto, que o glossário que organizamos expressa um conhecimento das experiências linguísticas particulares que refletem experiências e visões de mundo diferentes.

POR FIM

A língua é um dos caminhos que propicia a constituição da cultura de uma comunidade de fala, sendo, portanto, um dos elementos que constitui as axiologias de um povo. Assim, os trabalhos linguísticos trarão contribuições significativas com o conhecimento da cultura deste povo.

O filtro que propusemos para este artigo como uma amostra de glossário aplicável ao Ensino Fundamental é composto de três substantivos e um advérbio como bem descreve o glossário.

Com isso queremos oferecer ao docente da educação básica mais uma estratégia de trabalho com o léxico do português brasileiro, como língua genuína do Brasil, além do que está registrado nos dicionários convencionais.

Portanto, esperamos, com esta proposta, incentivar a pesquisa em sala de aula no que se refere ao léxico popular, uma vez que este oferece uma riqueza cultural, bem como contribuir para a valorização da literatura popular, em especial do conto.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, **Textos escolhidos**. (Trad.J.O. Santos), São Paulo: Círculo do Livro, 1996.

ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário popular paraibano**. João Pessoa: Editora Universitária, 1979, 180 p.

ARAGÃO, M. do Socorro S. de. et al. **Biblioteca da Vida Rural brasileira**: Coleção Trancoso. João Pessoa: UFPB, 1982.

_____. A cultura popular nas escolas rurais paraibanas e a biblioteca da vida rural brasileira. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. et al. **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: UFPB, 2004, 659 p.

BAGNO Marcus. **Português brasileiro?** um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2004, 182 p.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003, 186 p.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, 189 p.

BARBOSA, M. A. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. **Ciência e cultura**. São Paulo; V. 58, n.2.p.48-51, 2006.

_____. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia**: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DETERMINOLOGIA-II E ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA -1º. **Anais...** Brasília: IBI CET, 1990.

_____. **Léxico, produção e criatividade; processos de neologismo**. São Paulo: Global, 1981.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M.A. **Constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FELCH/CITRAT, 2001. Caderno de Terminologia 1, p. 23-46.

_____. Dicionários de língua, vocabulários técnicos - científicos, glossários: estatuto semânticos das unidades - padrão. In: **Estudos Linguísticos XXIII**. Seminários do GEL. **Anais**. São Paulo: GEL/USP, 1994, p. 289-294.

_____. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico - sintáticos. In: PAIS, et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: GLOBAL, 1986, p.81-126.

BIDERMAN, M. T. O Conhecimento, a Terminologia e o Dicionário. **Ciência e cultura**. São Paulo; v.58, n2, p.35-37, 2006.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: Edições UFC, 1982, 786 p.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio Eletrônico XXI**. Versão 5.0 cd. Léxicon Informática LTDA, 2004.

_____. Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio** - dicionário da língua portuguesa século XXI. 3 ed. revista ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.3-7.

GOTILIB, Nadia Barttela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1991. 95 p

HOUAISS, A. e VILLAR. M.S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. (versão 1). Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LABV William. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972

_____. **The Social History of a sound Change on the Island of Martha's Vineyard** Massachusetts (1962),

_____. **The Social Stratification of English in New York City** Washinton. D.C.:Center for Applied Linguistics.(1966)

_____. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language society*, 7, Great Britan, 1978. In: LAVANDERA, B. **Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LE GOFF, J. L. **História e memória**. (Trad. Irene Ferreira et al.). 4 ed. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa nacional, Casa da Moeda, 1984.

LEMLE, Miriam. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. *Tempo Brasileiro*. 1978, (53/54: 60-94).

LEMLE, M. **Pronomes, Anáfora, Zero**: Observações Sobre Uma Mudança Linguística. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 121-124, 1985.

LUZ, José Batista da. **Dicionário popular brasileiro**. 39 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997, 581 p.

MICHAELIS DIXMAX **Dicionário Eletrônico**- Português.

MOLLICA, M.C. de M. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC, Departamento de Letras (Mimeo). 86 fl.

MORALES, Humbert López. **Sociolinguístico**. 2 ed. Madrid: Gredos, 1993. 310 p.

PRETTI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. 4 ed. São Paulo: Nacional, 1982.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. **Problemas de lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979.

_____. **Ensino da língua portuguesa: dicionário, gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

_____. **Definição nos dicionários de português**. Porto: Edições ASA, 1983.

WELKER, Herbet Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004, 287 p.